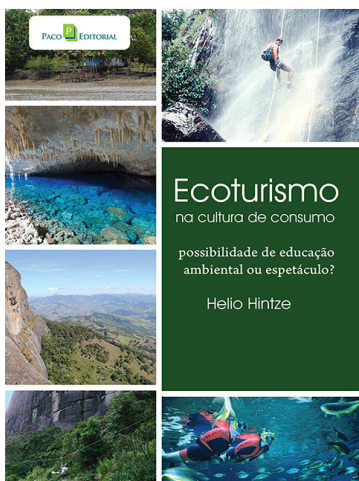


## Educação ambiental na cultura de consumo: possibilidade de ecoturismo sem espetáculo

*Romero Gomes Pereira da Silva*

Hintze, Hélio. **Ecoturismo na cultura de consumo: possibilidade de educação ambiental ou espetáculo?** Jundiaí (SP): Paco Editorial: 2013.



Reflexão e análise sobre a prática do ecoturismo fundamentam a obra de Hélio Hintze. Ele é professor de cursos relacionados ao turismo no Senac de Águas de São Pedro (SP), doutorando em Ciências e Mestre em Ecologia Aplicada, pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo.

O livro é fruto da sua dissertação de mestrado, não citada na bibliografia, e da experiência acumulada como guia turístico e professor. O texto vai além da superficialidade dos discursos que promovem o turismo como uma atividade lucrativa e benéfica. No transcorrer das páginas, o autor busca entender as origens e os significados do ecoturismo, por meio de uma ampla revisão bibliográfica.

Os desafios para a correta prática do ecoturismo já estão nas entrelinhas do título e são esmiuçados página a página. Segundo o autor, para superar tais desafios é necessário ir além do espetáculo que o mercado propõe. Para tanto, a promoção da educação ambiental é um ponto fundamental para alcançar a conservação ambiental e o envolvimento das comunidades locais.

Falar de ecoturismo ou educação ambiental e das suas nuances com turismo pode parecer algo fácil. Muitos pacotes oferecem atividades ecoturísticas, os clientes compram e se brindam com uma oportunidade de estar mais próximo à natureza ou apenas longe da cidade. Mas, quais são as implicações desse contato do homem com a natureza? Ocorre de fato a prática do ecoturismo? É estabelecido algum tipo de educação ambiental? A comunidade local é respeitada? Acerca dessas indagações o livro propõe detalhar o que está por trás desta moda de turismo em áreas naturais. Como uma obra de cunho acadêmico, os argumentos foram embasados em entrevistas com representantes de empresas operadoras de turismo e com

pesquisadores como Célia Serrano (UNICAMP); Zysman Neiman (UNIFESP) e Antonio Carlos Diegues (USP).

O autor detalha nas primeiras páginas como os fenômenos da pós-modernidade transformam o ecoturismo praticado pelas empresas em espetáculo. Fenômenos como o consumismo, a ditadura da moda, a facilidade do descarte de produtos e informações, a fragmentação do conhecimento, a obtenção acelerada de informações estão inseridos no mercado ecoturístico. As práticas oferecidas são superficiais, não instiga, não forçam o turista a pensar e tampouco a dialogar. O resultado disso é que as relações propostas na prática do ecoturismo desconsideram troca de conhecimentos, diálogos e reflexões entre os turistas e destes com a comunidade local. A apresentação de tudo como um espetáculo leva o leitor a questionar sobre a falta de sensibilização que o mercado traz ao ecoturismo.

É preciso evidenciar que o turismo gera renda. Mesmo não promovendo educação ambiental ou boas práticas ambientais há de destacar seu papel no desenvolvimento econômico. Porém, há o contraponto dessa análise posto no texto que é pouco discutido. Como, por exemplo, o aumento do custo de vida, supervalorização dos bens imobiliários, a perda de propriedades por parte das populações locais, uso de elementos naturais raros para produção de *souvenies*, risco da homogeneização de culturas.

A presente obra assim como as mais recentes abordagens científicas destaca a importância do turismo de base sustentável como possibilidade de coexistência do desenvolvimento econômico, social e ambiental. É importante evidenciar que essa abordagem vem em decorrência do comportamento dos clientes que exigem informações sobre destino, tipos de transporte, situação social da comunidade. Mesmo sendo uma sociedade que prefere o espetáculo, ainda existe uma consciência acerca de questões importantes.

Mas afinal, ecoturismo, turismo sustentável, turismo de natureza são coisas diferentes? Sim. Na página 52 o autor sintetiza a resposta dessa pergunta: “Ecoturismo é uma versão sustentável do turismo de natureza”. O ecoturismo é um segmento da atividade turística que apresenta várias restrições. Como por exemplo: O atendimento mínimo de 25 pessoas, utilização de hospedagem com menos de 100 leitos, operado por empresas de pequeno a médio porte, foca no atendimento mais personalizado, faz uso de materiais interpretativos, faz a preparação dos guias. Vale ressaltar que dificilmente todas as restrições serão componentes de um produto ecoturístico principalmente se tomarmos como base a realidade brasileira. O importante de tanta restrição é dar mérito a quem procura segui-las e as incorporam à sua atividade.

O objetivo dessa nova versão de turismo, que surgiu nas décadas de 60 e 70 com aumento da preocupação ambiental, seria agregar uma consciência ecológica, aproximar o homem da natureza e não somente distanciá-lo da cidade e do trabalho. Neste sentido fica bastante explícito no texto que o ecoturista é quem deve se adaptar às estruturas de recepção nos lugares visitados. O lugar visitado deve ser vivenciado e melhor

compreendido, e não apenas consumido. Para isso, a educação ambiental é uma prática necessária.

Mas, o que é educação ambiental? O conceito relatado está relacionado à lógica freiriana “*quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*”. nota rodapé explicando Assim, o pensamento crítico e inovador do turista podem ser agentes de promoção e transformação social. Para o autor, a educação ambiental deve, sim, ser ideológica, baseada na busca de valores e transformação social. A figura do bom ecoturista proposto seria o agente pensante, crítico e capaz de aprender e transformar algo. Mas isso é a vontade do turista que quer descanso, relaxar e ao mesmo tempo respeitar a natureza?

Para atender tantos princípios e vertentes da educação ambiental, é necessária a adoção de metodologias e capacitação que foquem a educação não formal. Os métodos não formais facilitam o aliciamento das pessoas às práticas de sensibilização sobre questões ambientais por meio de organização e participação. Porém, como relatado na pesquisa feita pelo autor, a maioria das operadoras de ecoturismo associa a educação ambiental a uma coisa “chata e cara”, o que diverge do momento prazeroso e de lazer que o turista comprou. O fato é que promover atos educativos desgastantes e uma missão inviável para as empresas. A educação para elas não diverte e não inspira, assim como para a maioria das pessoas. Porém, não adianta culpar as operadoras pela não prática de educação quando na realidade os visitantes e turistas não estão interessados. Antes de fazer uso de métodos de educação não formal deve haver interesse e disponibilidade do turista.

O interesse não precisa ser conquistado em cima de discursos alarmistas de ambientalistas. O mais importante é um estudo do local, fundamentação daquilo que vai ser dito e constante revisão das práticas adotadas. O guia pode ir além da condução física do turista e se propor a ser agente de intermediação de diálogos e um bom informante sobre a realidade local. Havendo assim o interesse do turista, as operadoras devem aproveitar o contato homem e natureza, sob a égide da educação ambiental, para provocar a sensibilização do turista. Já que no momento de sensibilização o homem pode fazer uma releitura de si mesmo e compreender a complexidade da relação homem-natureza. Por isso é destacado no livro a importância das visitas livres, do espaço e momento que o turista deve ter para construir suas impressões sobre aquilo que o envolve (paisagens, pessoas, cultura). Só assim o turista terá uma interpretação, aprendizagem e ser levado a uma reflexão.

Respondendo a pergunta feita no título, a prática atual do ecoturismo possibilita muito mais espetáculo do que educação ambiental. O ecoturismo está carregado de marketing, se aproxima muito do turismo convencional e mercadológico. Esse é o tom de crítica feito em vários momentos da leitura. Ao apresentar o resultado de pesquisa feita com operadoras, fica evidente a importância da inserção da fundamentação teórico-científica às atividades educativas que devem ser postas no mercado do ecoturismo. A veemente crítica às lógicas do mercado que dominam interesses dos gestores, planejadores e envolvidos no ramo ascende uma discussão velada nas benesses econômicas do ecoturismo. Novas abordagens que proponham

consciência crítica, troca de saberes e diálogo são uma oportunidade diagnosticar novas perspectivas. Cabe ao leitor não tomar lado dessa antítese: cultura de consumo *versus* educação ambiental. O desafio é ir além dessa polaridade e buscar caminho da inserção da educação ambiental no mercado de ecoturismo.

**Romero Gomes Pereira da Silva:** Universidade de Brasília (CDS), Brasília, DF, Brasil.

E-mail: romerogomes1@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7667601009059631>

Data de submissão: 02 de dezembro de 2013

Data de recebimento de correções: 08 de outubro de 2014

Data do aceite: 08 de outubro de 2014

Avaliado anonimamente